

As representações no “circuito das notícias”: o movimento dos trabalhadores rurais sem-terra no jornal ZH¹

Vilso Junior Chierentin Santi E Márcia Franz Amaral

Resumo: Estudar a representação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) e de suas ações no jornal Zero Hora (ZH), tendo como panorama o “Circuito das Notícias” e suas distintas fases é nosso objetivo central. Para tanto, procuramos mapear o movimento das representações e suas transformações ao longo da cadeia *produção, texto e leitura*, sem esquecer de suas intersecções e interrelações nos diferentes momentos. O estudo propõe uma aproximação analítica entre o “Circuito da Cultura” de Johnson (1999) e o que qualificamos como o “Circuito das Notícias” – uma tentativa de abordagem integral e integradora, que reivindica uma visão global sobre os processos jornalísticos. Tal aproximação parte das contribuições teórico-metodológicas dos Estudos Culturais Britânicos e busca entender e/ou explicar a dinâmica da cultura, dos produtos culturais e suas intersecções com o jornalismo, principalmente no que se refere às representações.

Palavras-chave: jornalismo impresso, circuito das notícias, representações, MST.

Abstract: *Representations in the “News Circuit”: the Landless Rural Workers’ Movement (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra) in the newspaper Zero Hora.* Our main objective here is to study the representation of the Landless Rural Workers’ Movement (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra – MST) and its actions – reported by the newspaper Zero Hora (ZH) – by analyzing the “News Circuit” and its distinct periods. To this end, we attempt to map the movements of the representations and their transformations through the chain of production, text and reading issues, keeping in mind their intersections and intercorrelations at different times. This study also proposes an analytical approximation between Johnson’s (1999) “Circuit of Culture” and what we qualify here as the “News Circuit”, seeking an integral and integrating approach that claims a global vision of journalistic processes. The

¹ Trabalho submetido ao GP Jornalismo Impresso do IX Encontro dos Grupos/ Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, resultado da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Área de Concentração: Comunicação Midiática. Linha de Pesquisa: Mídia e Identidades Contemporâneas.

theoretical approach is based on the British Cultural Studies and the subject matter seeks to understand and/or explain the dynamics of culture, cultural products and their intersections with journalism, particularly with respect to representations.

Keywords: print journalism, news circuit, representation, MST.

Introdução

O artigo trata da aproximação teórico-metodológica entre o “Circuito da Cultura” proposto por Johnson (1999) e o que convençamos chamar de “Circuito das Notícias” na ótica dos estudos de comunicação e/ou do jornalismo. Tal aproximação busca uma abordagem integral/ integradora dos fenômenos comunicacionais e se assenta tanto na necessidade quanto na possibilidade de integração entre os universos da *produção*, dos *textos* e das *leituras* que marcam a globalidade complexa e multifacetada do processo comunicativo.

Objetivando estudar o tipo de representação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) e de suas ações no jornal Zero Hora (ZH), bem como mapear ao longo do “Circuito das Notícias” o movimento dessas representações, junto com os seus sentidos mobilizados ao enunciar a “questão agrária”, detemo-nos a clarear como se dá e em que base se assenta tal “movimento representacional” nos diferentes momentos do “Circuito” noticioso.

Para tanto, selecionamos como corpus de trabalho os acontecimentos e/ou os fatos relacionados ao MST e noticiados por ZH no período de 12/04/2008 a 21/05/2008. Tais fatos estão todos vinculados à “Jornada Nacional de Lutas”, promovida anualmente pelo MST – o “Abril Vermelho” como prefere designar o próprio ZH, e referem-se diretamente à repercussão e às ações de entrada e saída do Movimento na Estância do Céu – área de 13 mil hectares, localizada no município de São Gabriel, na região central do Rio Grande do Sul.

Na materialização do estudo, optamos por operar num ambiente teórico-metodológico formalmente não acabado, tomamos as práticas jornalísticas como um “Circuito” e procuramos conjugar o estudo da *produção*, dos *textos* e das *leituras* numa mesma mirada seguindo uma abordagem menos vertical e mais horizontal ou panorâmica.

Do “Circuito da Cultura” ao “Circuito das Notícias”

Falar do ponto de vista dos Estudos Culturais é, para García Canclini (1995), falar a partir de intersecções e/ou discorrer acerca de uma tradição intelectual e política e das conexões entre cultura, história e sociedade (Johnson, 1999). Já o “Circuito da

Cultura”, conforme Johnson (1999) e Hall (2003), pode ser tomado um modelo de análise² estratificado e não acabado (ver *Figura 1*) que tem na base os diferentes momentos dos processos culturais e que deriva de uma *leitura* que Marx faz do “Circuito de Capital” e suas metamorfoses. O “Circuito das Notícias”, por sua vez, sinaliza a possibilidade de um estudo integrador entre *produção*, *textos e leituras* além de permitir pensar cada momento do processo comunicativo à luz dos outros. Nele, o jornalismo pode ser visto como uma prática sociocultural e as notícias como um produto da cultura que, junto com as representações que carregam, podem ser transformadas em seu uso.

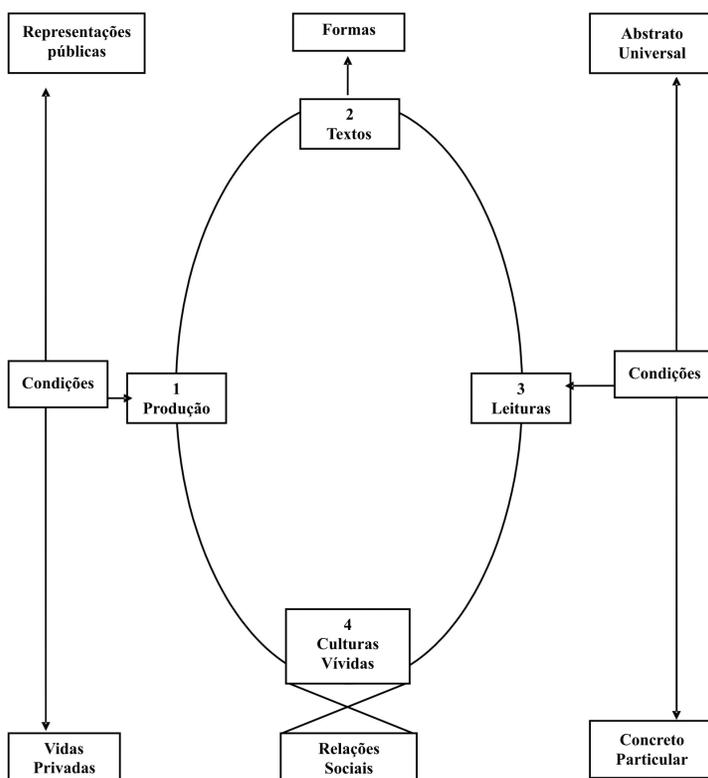


Figura 1 - Diagrama Representante do Circuito da Produção, Circulação e Consumo dos Produtos Culturais. (Johnson, 1999, p.35).

2 O diagrama do “Circuito da Cultura”, para Johnson (1999, p.33), tem por objetivo representar o circuito da produção, circulação e consumo dos produtos culturais. Nele, cada quadro representa um “momento” e cada “momento” depende dos outros e é indispensável para o todo. Cada um deles, entretanto, é distinto e envolve mudanças características de forma. Segundo o autor, se estamos colocados em um ponto do circuito, não vemos, necessariamente, o que está acontecendo nos outros, já que as formas que tem mais importância para nós, em um determinado “momento”, podem parecer bastante diferentes para outras pessoas, localizadas em outro ponto. Tal percepção lastreia a proposta analógica de incursão relacional pelos distintos momentos do “Circuito das Notícias” na presente pesquisa.

No “Circuito”, diferentes instâncias podem ser tomadas como determinantes na circulação das representações e dos valores simbólicos, e, esses últimos, como os regentes do processo de significação tão caro à comunicação. Para os Estudos Culturais, conforme Hall (2003), representar é atribuir sentido, classificar e/ou lutar pela imposição de significados, e a representação pode ser vista como uma prática social que produz cultura. Nessa lógica, as representações midiáticas podem ser tomadas como encenações que possuem caráter construído e, ao mesmo tempo em que são modos de exposição que naturalizam certos vieses, podem instaurar padrões normais e modelos que influenciam as percepções sobre as coisas do mundo.

Porém, como lembra Schmeil (1999), somos influenciados por um sistema de representações que ultrapassa o contexto presente. Nesse sentido, ao resgatarmos a historicidade da “questão agrária” no Brasil, mediante uma intensa pesquisa do “estado da arte” sobre o tema, podemos mencionar uma “estrutura tendencial dominante de interpretação” (Hall, 2003) e/ou uma “matriz representacional hegemônica” da problemática (Romão, 2002) que, no trabalho, serviu de parâmetro para classificação das representações relacionadas ao MST como favoráveis, desfavoráveis e/ou tensionadas, seja na *produção*, no *texto* ou nas *leituras*.

Essa matriz demonstra a perspectiva de enunciação da “questão agrária” e clareia os sentidos hegemônicos que são historicamente mobilizados em torno da luta pela terra no País. Em relação ao MST, tais sentidos dão conta de uma imagem de “baderneiro ilegal” onde a formação discursiva dominante está vinculada ao “direito sagrado à propriedade” (Romão, 2002). Nesses termos o conjunto hegemônico de representações imprime um movimento de sentido orquestrado que, ao longo do tempo, trabalha para a circulação de dizeres através do congelamento de um sentido oficial relacionável a questão fundiária.

Ter presente a matriz de representação hegemônica da “questão agrária”, bem como o próprio conceito de representação, junto com as considerações teórico-metodológicas até aqui apresentadas nos permite olhar para os diferentes momentos do “Circuito das Notícias”, a fim de operacionalizar a estratégia de investigação que propomos. Tal estratégia compreende a análise integrada da *produção*, dos *textos* e das *leituras*, junto com seus reflexos nas culturas vividas e nas relações sociais. Porém, para fins de sistematização, propomos a verificação em separado das diferentes etapas, a partir do momento da *produção*, já que é nesse ponto que as mensagens jornalísticas são discursivamente constituídas.

Da produção e da publicação das notícias

Na análise do momento da *produção*, trabalhamos com os jornalistas vinculados ao jornal Diário de Santa Maria, responsáveis diretos pela cobertura dos acontecimentos em torno da Estância do Céu e porta de entrada dos fatos na rede de jornais do Grupo RBS

(Rede Brasil Sul) da qual ZH é a célula mãe³.

A *produção* na lógica do “Circuito das Notícias” é um processo social e histórico e, segundo Hall (2003), o lugar onde se “constrói” a mensagem, por isso a análise pode se iniciar aí. Nela, podemos abarcar as distintas narrativas associadas à construção dos produtos noticiosos e culturais. Nesse momento, prestar atenção ao lugar da *produção* dos acontecimentos e não somente ao lugar da *produção* das notícias parece-nos fundamental, pois, conforme Johnson (1999), não podemos perpetuamente discutir as condições sem nunca discutir os atos produtivos.

Nessa fase tratamos, portanto, da construção da notícia e do produto jornalístico em si. Procuramos observar as rotinas de *produção* e sua relação com as culturas vividas dos profissionais envolvidos, assim como os elementos concretos da produção e da organização da própria instituição produtora. Inspirados nos aportes do *Newsmaking*⁴ usamos como ferramentas a observação das rotinas produtivas, a pesquisa participante, e as entrevistas individuais com jornalistas. Optamos por atuar no calor dos acontecimentos acompanhando todos os procedimentos desenvolvidos desde a chegada da pauta à redação até a publicação da notícia nas páginas de ZH.

Os resultados dão conta da relevante experiência dos envolvidos na cobertura – mínimo de três e máximo de 15 anos de mercado. Todos, ao mesmo tempo em que desconsideram as experiências profissionais anteriores, apontam a pertinência de uma verdadeira “re-formação” ocorrida dentro do Grupo RBS, necessária à conversão de estudantes de jornalismo em profissionais da imprensa. Em contraponto, as informações coletadas em relação ao que chamamos de “experiência social”, mostram que nenhum dos profissionais teve ou tem participação ativa em organizações da sociedade civil. A maioria deles por falta de oportunidade, de tempo e até mesmo por desinteresse. Isso talvez explique primeiro a estranheza de alguns jornalistas em relação às mobilizações do MST, e depois a própria curiosidade relacionada a essas ações – todos os repórteres entrevistados expressaram a seus editores a disponibilidade em cobrir os acontecimentos.

Quando abordam sua prática profissional, em geral, os profissionais observados e depois entrevistados invocam valores “tradicionais” como isenção ou tentativa de isenção no seu fazer jornalístico cotidiano. “Nossa obrigação é colocar o fato na roda”, diz a Jornalista 1. “Botar as vozes falando cada uma a sua versão e deixar o leitor tirar

³ O jornal Zero Hora é um agente produtor de peso no Rio Grande do Sul. Ele pertence à maior organização de mídia da indústria cultural gaúcha, o Grupo RBS, e por isso desfruta de uma série de vantagens que o colocam como o periódico de referência no Estado. ZH é um dos veículos mais antigos do Grupo RBS. Ele foi fundado em 04/05/1964 e é líder de circulação em solo gaúcho – com média diária de 176.961 exemplares – conforme o Instituto Verificador de Circulação (IVC).

⁴ Conforme Wolf (2001) e Hohlfeldt, Martino & França (2001), este enfoque teórico-metodológico diz respeito a um tipo de estudo ligado à sociologia do jornalismo e está relacionado com a observação da rotina produtiva cotidiana da cobertura jornalística. O *Newsmaking* pretende, dentre outros aspectos, analisar o conjunto de critérios que definem a noticiabilidade de um acontecimento, isto é, a sua relevância para ser transformado em notícia. O olhar dessa hipótese está centrado no emissor, visto como intermediário entre o acontecimento e a notícia. Ele dá atenção especial ao relacionamento entre jornalistas e fontes, assim como às diferentes etapas de produção: captação, tratamento, edição e distribuição da informação.

as suas próprias conclusões”, aponta o Jornalista 2. “Ouvir as partes envolvidas e usar o bom senso” (Jornalista 3) e “[...] buscar o que atinge o maior número de leitores”, considera o Jornalista 4.

Em ZH, conforme os profissionais entrevistados, o MST e/ou suas ações são notícia/ noticiados por diversos motivos: pelo “potencial conflitivo da questão agrária”; pela “tensão que envolve a disputa”; pelo Movimento ter “grandes proporções em nível nacional”; por “defender uma bandeira histórica”; porque “suas ações estão localizadas na área de cobertura do veículo”; e também porque “os leitores gostam desse tipo de pauta”. Porém, segundo a Jornalista 1, “quando o MST se mexe ele é pauta com certeza, quando ele não se mexe a gente pensa”. Ela pondera ainda que o Movimento vai ser “sempre” notícia porque “os concorrentes também cobrem”. O Jornalista 2, nesse sentido, considera que “o MST usa a mídia para fazer notícia, para se promover e promover a questão dele”. O Movimento é um “fato grande” e como “fato grande” merece ser noticiado, já que suas ações afetam um grande número de pessoas e “os efeitos colaterais das ações do MST mexem com a vida de todo mundo”, diz a Jornalista 5. Porém, ela lembra que isso depende muito do dia do jornal e da pauta que o veículo tem para cobrir naquele dia.

Questionados sobre o enquadramento dado pelo jornal às notícias relacionadas à “questão agrária” e ao MST, os profissionais concordam unanimemente que a pauta seja tratada pela editoria de Geral. Segundo eles, na lógica organizativa do periódico o MST não cabe noutro lugar. “A Geral é uma grande cozinha. Tudo que não tem perfil específico vai para a Geral”, diz a Jornalista 1. “Não se tem outra opção de enquadramento. Faz parte do cotidiano que é a cara da Geral”, pondera o Jornalista 2. Para a Jornalista 3 a Geral é um grande caldeirão, por isso o MST deve ser apresentado nela. “Qual seria o outro espaço?”, pergunta-se. “Sempre foi assim. É uma convenção histórica”, completa o Jornalista 4. Porém a Jornalista 5 faz questão de lembrar que: “[...] a geral é o coração da redação”.

No detalhamento do processo de manufatura das notícias relacionadas à “questão agrária” podemos claramente identificar a existência e/ou a ocorrência de três níveis de fluxos produtivos. Cabe ressaltar, no entanto, que tais níveis de fluxo são complementares e ao mesmo tempo indispensáveis para o entendimento do processo produtivo das notícias sobre o MST no jornal.

No primeiro deles temos os “fluxos produtivos externos”, ou seja, aqueles atos que acontecem fora do ambiente da redação e estão relacionados intimamente às ferramentas utilizadas pelo jornalista na apuração dos fatos no local onde eles ocorrem. No recorte utilizado na pesquisa, sinteticamente esse nível poder ser caracterizado, a partir do relato seqüencial da Jornalista 1: cobertura conjunta com os demais veículos do Grupo RBS (TV + jornal); uso pronunciado de contatos por telefone principalmente devido às barreiras policiais que impediam o acesso direto aos acontecimentos; solicitação do jornal ZH para envio

urgente de material a ser aproveitado na edição on-line; pressão do deadline para o retorno à redação; conversa com editor de Geral sobre a construção ideal de texto; mais apuração por telefone e internet; e, finalmente, a composição do *texto* da notícia a ser veiculada.

No segundo nível, temos os “fluxos produtivos internos”, ou seja, aqueles que ocorrem no interior do ambiente redacional e que estão vinculados tanto aos processos de construção e *produção* da pauta, papel compartilhado pelos diversos editores do periódico, quanto aos processos de construção e *produção* textual, tarefa do jornalista escalado para cobertura. Baseados nos dados coletados na pesquisa e nos relatos dos Jornalistas 1 e 2 podemos assim caracterizá-lo: o repórter consulta seu editor; depois constrói seu *texto*; repassa-o novamente ao seu editor que, por sua vez, remete-o após as suas observações ao editor chefe. O editor chefe revisa e envia o material com suas sugestões de volta ao editor da seção que sugere ao repórter as devidas correções. Só depois de efetuados esses ajustes e do editor chefe dar seu parecer final é que o *texto* vai para a diagramação da página e depois para impressão e futura distribuição.

No terceiro nível dos fluxos produtivos de ZH, temos a “*produção em rede*” que está assentada basicamente sobre um sistema eletrônico de compartilhamento de conteúdos chamado *Note*. O *Note* pode ser caracterizado como uma ferramenta híbrida que incorpora características específicas do correio eletrônico (E-mail) e do sistema instantâneo de troca de mensagens (MSN). Através dele, os jornalistas e os jornais do Grupo RBS compartilham previamente as suas pautas; recebem os pedidos de material sobre temas específicos; e trocam informações preliminares sobre os acontecimentos que depois serão aproveitados nas edições on-line e impressa dos veículos. No *Note* o repórter, após compor seu *texto*, deve arquivá-lo numa pasta chamada “Editoria 2”, essa pasta está acessível ao seu editor que reedita o material e transfere-o para “Editoria 5”. Ao disponibilizar o *texto* na pasta “Editoria 5”, o profissional torna o conteúdo acessível à equipe de arte e diagramação e ao mesmo tempo à todos os jornais do Grupo RBS.

Indagados sobre os constrangimentos vinculados a sua prática profissional e/ou relacionados aos processos produtivos, os jornalistas entrevistados também afirmam em uníssono que nos veículos do Grupo RBS existe plena liberdade de *produção*, que tais constrangimentos não existem e que as orientações a todos os profissionais apenas têm caráter técnico ou jurídico, são públicas e estão contidas no manual de ética, redação e estilo do jornal.

Na sequência tratamos especificamente das representações tomadas pelos profissionais entrevistados para falar do MST e de suas ações. Ressaltamos de antemão que, nas entrevistas e no material coletado via observação, encontramos uma série de contradições às quais, pela necessidade de agrupamento para fins de categorização e pelo esforço de síntese para apresentação dos resultados, podem ter sido minimizadas em nome daquilo tomado como mais relevante.

Nesses termos a Jornalista 1, por exemplo, movimentava sentidos muito próximos daqueles da matriz representacional hegemônica da “questão agrária”. Diz ela: “[...] então

é assim: tudo bem, querem reivindicar, reivindicuem, mas também não sejam baderneiros a fim de justificar as críticas”. Para o Jornalista 2, “[...] no MST tem muita gente que precisa, mas tem gente que se aproveita da organização para fins escusos”. Ele, embora parta de sentidos tensionados em relação à matriz, acaba por se filiar a ela também de modo favorável. “O Movimento é bem assessorado, ninguém é ingênuo nem santo no MST, ele é o reflexo do mundo que nós vivemos”, diz a Jornalista 3, que mais uma vez movimenta sentidos alinhados à matriz hegemônica de representação. O Jornalista 4, no entanto, no seu dizer e fazer movimenta sentidos nitidamente tensionados em relação à matriz ao apontar que “[...] o MST é um grupo organizado, que tem representatividade e muitos integrantes. Eles também fazem parte da sociedade que a gente quer contemplar para o leitor”.

Porém, fica claro que de forma geral, mesmo partindo de sentidos por vezes tensionados, os profissionais vinculados ao Grupo RBS se filiam à matriz hegemônica de representação num sentido predominantemente favorável. Eles não conseguem libertar o seu dizer da noção de ilegalidade que historicamente envolve os questionamentos em torno da posse da terra. Por vezes, até movimentam dizeres diferentes, mas todos derivados da matriz de representação hegemônica da “questão agrária” que historicamente desfavorece os Sem-terra e o MST. Isso, sem dúvidas, se reflete na construção textual das notícias conforme abordamos na seqüência da análise do “Circuito das Notícias”.

Do texto e seu descentramento

O estudo das representações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) no momento texto do “Circuito das Notícias” leva em conta as mesmas 18 edições do jornal ZH, que reproduziram as notícias referentes à cobertura das ações do Movimento acerca da Estância do Céu⁵. Nessa etapa, buscamos elucidar as formas como ZH representa o MST em suas páginas, além de traçar um mapa de sentidos que o veículo faz circular sobre o Movimento, relacionando-os posteriormente à matriz de representacional hegemônica da “questão agrária”. Aqui também encontramos uma série de contradições às quais, pela necessidade de agrupamento para fins de categorização e pelo esforço de síntese para apresentação dos resultados, podem ter sido minimizadas.

O texto, conforme Orlandi (1988), é o lugar, o centro comum de encontro entre autor e leitor, porém, descentrá-lo, ou seja, estudá-lo através das formas culturais que ele efetiva e torna disponível parece-nos fundamental na lógica do “Circuito das Notícias”, já que

⁵ Numa descrição generalista podemos assim caracterizar o jornal Zero Hora: ele segue o formato tablóide, tamanho de impresso que ajudou a consolidar no Rio Grande do Sul; dispõe de um bloco principal, que ocupa aproximadamente cinquenta páginas; e, é dividido em cadernos, que vão de diários a mensais, segmentados por público e temática. No corpo principal ele traz as editorias tradicionais dos impressos diários: Opinião, Política, Economia, Mundo, Geral, e Esportes, que se mantêm nas sete edições semanais e garantem a fidelidade a um formato mais clássico de jornalismo impresso.

esse contato se dá também em outras instâncias, fora do texto e dentro de determinado contexto (Johnson, 1999). No trabalho com o texto, utilizamos como ferramenta primordial os preceitos da Análise do Discurso (AD) que levam em conta o homem na sua história e que procuram entender como um *texto* significa, prestando especial atenção ao movimento de instauração de sentidos.

Nessa linha, como para Orlandi (2001), tomamos o Discurso como efeito de sentido entre locutores e como fornecedor de representações da realidade baseadas em ideias preconcebidas; Formações Imaginárias (FIs) como projeções que permitem passar de situações empíricas para posições dos sujeitos no discurso; Formações Discursivas (FDs) como aquelas que autorizam o que deve e o que não deve ser dito em determinada configuração sócio-histórica compondo uma “região de sentidos”. E, Sequências Discursivas (SDs) como o trecho do texto que suporta a Formação Discursiva, arbitrariamente recortado para análise.

Partimos da materialidade do discurso presente no *texto* das notícias com a finalidade de identificar as FDs, relacionando-as com as FIs, para chegar às representações predominantes nos enunciados. Depois, pela aproximação e/ou distanciamento com um sentido principal hegemônico buscamos categorizar tais representações como favoráveis, desfavoráveis ou tensionadas aos moldes de Jacks, Machado & Muller (2004). Para tanto, primeiro identificamos no *texto* as SDs, apontamos o sentido nuclear de cada uma e agrupamos as SDs, em cada *texto*, conforme o seu sentido nuclear. Depois, evidenciamos a que FD elas pertenciam e relacionamos as FDs à Formação Imaginária (FI) e/ou à matriz de representação hegemônica da “questão agrária”. Por último, categorizamos as Sequências como favoráveis, desfavoráveis ou tensionadas em relação a essa matriz. “No método de análise fazemos o caminho inverso do discurso: partimos do *texto* para o que lhe é exterior”, esclarece Benetti (2007).

Assim, constatamos que ZH trata a pauta MST na editoria de Geral, longe do universo do Rural, no qual o Movimento luta para se inserir. O veículo classifica invariavelmente os acontecimentos envolvendo o MST com a cartola “questão agrária” vinculando-a de maneira reducionista à questão dos Sem-terra. Para o ZH, “questão agrária” é diferente da “questão agrícola” e, portanto, não tem relação com o mundo rural do seu caderno especial Campo & Lavoura.

Para exemplificar a nossa análise, extraímos da edição de 18/05/2008 um conjunto de textos agrupados sob a expressão “Diários secretos do MST” – manchete principal de capa no dia. São três notícias identificadas pelas Formações Discursivas “Cadernos de luta do MST”, “Vandalismo na fazenda invadida” e “Polícia investiga a ação de milícias”, todas elas relacionáveis à Formação Imaginária de “baderneiros ilegais” e inegavelmente mobilizadoras de sentidos favoráveis à matriz representacional hegemônica da questão agrária.

No primeiro dos três *textos*, a SD83 aponta que os cadernos apreendidos pela Brigada Militar em São Gabriel revelam uma “rotina militarizada dos Sem-terra”. Esse parece ser o referencial que atravessa diagonalmente os três *textos* do conjunto. As SDs 84 e 85

resgatam o “saldo” da operação realizada pela Brigada Militar. Mesmo que tenham sido apreendidos diversos “utensílios” na ação, conforme a SD86, o que mais chama atenção são os “quatro cadernos” do MST. “Preenchidos a caneta, eles se dividem entre diários e atas que relatam o cotidiano dos acampados. São um misto de orientação dos líderes aos militantes e resumo das discussões internas”.

Segundo a SD87, foi a leitura desses cadernos que embasou as considerações impressas nas notícias do conjunto. A SD88 aponta a utilização de termos e rotinas militares para o gerenciamento dos acampamentos como a “organização de rondas de vigilância”. Na SD90 são descritas “noções de como os acampados podem resistir à desocupação das terras” e de “como podem driblar a fiscalização”. As SDs posteriores apresentam os principais trechos dos cadernos: SD91 “Como arregimentar apoio”; SD92 “Respostas padrão”; SD93 “Quem tira guarda”; SD94 “Controle do insólito”; SD95 “Pedras, trincheiras e bombas”; SD96 “Desavenças e punições”; SD97 “Divisão de classes”; SD98 “Lucro com bebidas”; SD99 “Uma invasão”. SD100 “Escolha de alvos”; e SD101 “Medo de flagrante”.

Nesse *texto*, chama atenção a rede de significação encadeada pelos indícios “clandestinamente” e “segredo”, numa referência ao Movimento como uma sociedade secreta, restrita a poucos e sem finalidade coletiva, o que contribui para a consolidação de uma imagem representacional negativa do MST. Além disso, o *texto* reedifica a noção de marginalidade (e até mesmo ilegalidade), posto que muitas organizações secretas tem seus objetivos e integrantes agindo de maneira escusa em atentados à “ordem democrática”.

No segundo *texto* do conjunto, identificamos mais uma acusação: na Estância do Céu, o Movimento – “que reclama de exageros da polícia” – teria deixado “um rastro de depredação”. Também nesse caso as SDs iniciais procuram resgatar o contexto e os fatos transcorridos dias atrás – já havia se passado um mês da saída dos Sem-terra da fazenda – mas acabam por recontar e ressignificar os acontecimentos lá transcorridos. As SDs102 e 103 relembram que a “desocupação” foi pacífica, mas as “marcas de vandalismo e atrocidades, difíceis de esquecer”. As SDs104 e 105 falam das “atrocidades” cometidas: “animais mortos”; “fezes espalhadas”; “janelas quebradas”; “paredes pichadas”; “estacas de madeira cravadas no solo”; “uma versão gigante do coquetel molotov” etc. Numa análise remissiva, causa estranheza o fato desses elementos não terem sido explorados no contexto original das ações; e também o emprego do termo “desocupação” para se referir a saída dos Sem-terra da Estância do Céu – quando eles entram “invadem” e quando saem “desocupam”.

O último *texto* do conjunto trata de supostas denúncias da “existência de uma milícia ligada ao MST”. Para tanto, a notícia resgata episódios pretéritos que não possuem relação direta uns com os outros, a não ser pela citação do Movimento nos inquéritos que investigam as ações. Na SD109 é citado um caso de 2003 ocorrido em Júlio de Castilhos; na SD110, um caso de São Jerônimo em 2002; e na SD111 um caso de Jóia em 2001. As SDs 112, 113, 114 e 115, por sua vez, introduzem um novo assunto que, aparentemente, não tem relação com os demais. Somente nesse momento a voz dos Sem-terra e de alguns de seus apoiadores é detectada no texto.

Nesses termos, os resultados dão conta de que ZH retrata o MST predominantemente de modo desfavorável, ou seja, de modo favorável à matriz representacional hegemônica. Nas notícias e/ou nos textos do jornal o discurso sobre os Sem-terra e o MST deriva de valores históricos e culturais, que parecem alimentar a rivalidade e a divergência em relação à posse da terra. Sobre esses discursos se recompõe o sentido de “invasores” enfatizando uma espécie de violência simbólica que converte os Sem-terra em perigosos antagonistas.

Dessa forma, é inegável que o jornalismo de ZH oferece um grande marco segundo o qual devemos ler os fatos relacionados à posse da terra e que o seu discurso contribui para reafirmar a matriz representacional hegemônica da “questão agrária”. Ele traz consigo ideias preconcebidas que circulam num sentido comum e que junto com o ideal de objetividade lhes confere um *status* de verdade. Nesse sentido, o discurso jornalístico de ZH organiza algumas direções de *leitura*, fazendo circular alguns sentidos e desviando outros. Como se dão essas *leituras*, junto aos próprios agricultores Sem-terra vinculados ao MST, é o que procuramos verificar no momento seguinte do “Circuito das Notícias”.

Da leitura como ato de produção

Na lógica do “Circuito das Notícias” a *leitura* não pode ser tomada como um momento isolado do processo comunicacional, já que ela integra a dinâmica do “Circuito”. *Leitura* nessa ótica não é simplesmente assimilação, mas, conforme Johnson (1999), ela própria é um ato de *produção*. Nesse momento, buscamos mapear as representações movimentadas pelos Sem-terra na posição de leitores quando a pauta do jornal é o próprio MST⁶, com a finalidade de relacionar tais leituras à matriz representacional hegemônica que historicamente envolve a “questão agrária” categorizando-as como de oposição, preferenciais e/ou negociadas (Hall, 2003). Ressaltamos de antemão que no material recolhido encontramos uma série de contradições às quais, pela necessidade de agrupamento para fins de categorização e pelo esforço de síntese para apresentação dos resultados, também podem ter sido minimizadas em nome daquilo tomado como mais relevante.

É importante observar dessa forma que as *leituras* são também interdiscursivas, pois nenhuma forma subjetiva atua por conta própria e que, devido a essa particularidade, as formas de transformações culturais sempre acontecem nesse momento do “Circuito”. A leitura diz respeito, portanto, a uma atividade, um tipo de prática na qual o indivíduo

⁶ O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) surgiu no Brasil em meio aos conturbados processos sociais do início dos anos 1980, mais especificamente em 1984 com a realização do primeiro “Encontro Nacional dos Sem-terra”. No evento, foi formalizada a criação de uma organização de camponeses Sem-terra, em nível nacional, com o objetivo de lutar pela reforma agrária. Assim, apenas como fator de referência, podemos dizer que o MST nasceu entre os dias 21 e 24 de janeiro de 1984, agregando 80 representantes de 13 Estados brasileiros. No ano seguinte durante o I Congresso Nacional dos Trabalhadores Sem-terra, realizado em Curitiba/PR, o Movimento é oficializado. Desse modo fica claro que os leitores-alvo de Zero Hora estritamente não são os integrantes do MST, mas, optamos por pesquisá-los no momento *leitura* do “Circuito das Notícias” a fim de observar o percurso das representações também entre o segmento diretamente interessado pelo tema.

percebe e trabalha o material simbólico que recebe (Thompson, 2005). Se na *produção* ocorre a fixação do conteúdo simbólico, na *leitura* o processo, mesmo que complementar, é inverso, por isso no “Circuito das Notícias” é importante atentar às práticas sociais de recepção entendidas como espaço de *produção* de sentido.

É na *leitura* então que os *textos* em circulação adquirem valor social e efetividade simbólica. Nela, segundo Escosteguy (2007), é possível identificar algumas “posições-tipo” de decodificação que são postos hipotéticos a partir das quais as retaduações de um discurso e as representações que ele movimenta podem ser tomadas. Essas “posições-tipo” são, conforme Hall (2003), classificadas em: “hegemônicas ou dominantes”, onde o leitor opera dentro do que foi proposto pelo produtor; “código negociado” no qual o leitor reconhece as definições hegemônicas, mas se permite adaptá-las; e “código de oposição” segundo o qual o leitor se posiciona de modo contrário ao produtor.

Como ferramenta de trabalho nesta fase de análise do “Circuito das Notícias” utilizamos o grupo focal, uma entrevista coletiva que busca identificar tendências. Indagamos coletivamente dez agricultores vinculados ao MST, os quais foram protagonistas das ações reportadas por ZH entre os dias 12/04/2008 e 21/05/2008. Todos eles são, portanto, leitores interessados e integravam no momento do trabalho o chamado “Acampamento em Luta de São Gabriel/RS”.

As reuniões com o grupo focal foram realizadas entre os dias 21/05/2008 e 23/05/2008 e os *textos* das notícias publicadas por ZH no período selecionado foram retomados como substrato para as discussões. Informações complementares relacionadas às rotinas de leitura também foram utilizadas na composição de um diário simplificado posteriormente empregado nas análises. O trabalho de campo com o grupo focal envolveu três momentos distintos: o primeiro deles esteve relacionado ao relato da história de vida dos integrantes do grupo engajados na pesquisa; o segundo no detalhamento da relação com a mídia antes e depois do ingresso no MST; e o terceiro vinculado ao mapeamento e classificação das representações movimentadas pelos Sem-terra no ato da *leitura*.

Na história de vida dos participantes a marca registrada é a diversidade de perfis. No entanto, podemos afirmar que todos passaram por situações limite e experimentaram de algum modo o processo de exclusão social até ingressar nas fileiras do MST. Entrar para o Movimento, na maioria dos casos, não foi uma escolha política, antes representou a chance de um novo começo na vida. “Minha família trabalhava na agricultura e acabou quebrando [...] por conselho dos amigos vim acampar”, conta a Sem-terra 4. “Entre para a Brigada Militar sonhando com dias melhores em plena Ditadura [...] o MST significa tentar garantir uma vida melhor para meus filhos”, diz o Sem-terra 7. Já a Sem-terra 9 relata que reorganizou sua vida e seus estudos para ingressar no Movimento: “Estou no acampamento, no MST primeiro pela militância e depois para contribuir na luta pela terra”.

A mídia e/ou o jornalismo são definidos pelos Sem-terra do grupo focal como a principal responsável pela formatação de uma representação errônea do Movimento.

Uma representação configurada basicamente de “fora para dentro” do MST e muito distinta da auto-representação do Movimento construída de “dentro para fora”. A imprensa é vista tanto como “uma ameaça” quanto como “uma ferramenta necessária”, porém o sentido mais forte que parece transpassar as contribuições é o da mídia/ jornalismo como instrumentos de manipulação.

“O jornalismo não presta para nada. A mídia representa uma grande ameaça, pois ela prefere correr atrás de troféus a mostrar a verdade”, enfatiza o Sem-terra 2. “A mídia é uma ferramenta muito necessária para nós comunicar. Ela não representa o povo, no sentido da verdadeira sociedade que a gente vive, mas a imprensa pode ser uma grande arma de avanço da sociedade”, contrapõe o Sem-terra 5. “A mídia emburrece o povo, ela aliena. Os meios de comunicação, que seriam meios para informar a população brasileira de ambos os lados, não conseguem fazer isso”, sentencia o Sem-terra 9.

Quando tratam especificamente do Grupo RBS e do jornal ZH, os integrantes do grupo focal são taxativos em classificá-los como “instrumento de manipulação da classe dominante”, reproduzem um bordão, um grito de guerra, já tradicional nas mobilizações do MST “A gente não esquece, abaixo a RBS!” e chegam até a cogitar uma ação específica para atingir quem eles qualificam como os “latifundiários da informação”.

De acordo com a Sem-terra 9, o jornal ZH só reproduz o que os “grandes” do Estado do Rio Grande do Sul desejam. “Eles distorcem os fatos como eles bem querem, sempre para nos mostrar como as piores pessoas desse Estado. Para mim a pior raça que tem é essa empresa”. Para o Sem-terra 5 o que mais revolta em ZH e na RBS é a falta de transparência “[...] a falta de vergonha de um veículo de comunicação tão grandioso como esse”. Porém, segundo ele, quando a sociedade realmente “abrir os olhos e ver quem é a RBS, quem é o Zero Hora, eles vão ficar em maus lençóis”.

Fica claro, no entanto, quando tratamos da forma de relacionamento com a mídia antes e depois do ingresso no MST que para a maioria dos participantes do grupo focal houve uma mudança – primeiro de entendimento, depois na própria forma de acessar as informações junto aos órgãos de imprensa. Na maioria dos casos, eles se moveram da indiferença em relação ao sistema de mídia para uma postura crítica em relação às *produções* e aos *textos* midiáticos. Podemos dizer sem exageros que passaram de uma *leitura* tendencial dominante, para uma leitura negociada com matizes de oposição. É evidente que nesse caso a mediação “Movimento Social” atua fortemente na mudança de postura em relação à mídia regendo a nova forma de se relacionar com os produtos informativos midiáticos.

“Do lugar de onde eu vim, da vila, não tinha muito esse contato com a mídia, a não ser com a novela. Antes informação para mim era muito pouco pela realidade que eu vivia mesmo”, esclarece a Sem-terra 3. “Quando eu estava lá fora gostava muito de televisão, de olhar novela. Depois, no Movimento comecei a acompanhar mais as notícias, mas ainda é muito pouco”, conta a Sem-terra 6. “No acampamento estou reaprendendo a viver sem a televisão, a internet e o jornal. Estou aprendendo a escutar rádio, mas é bem complicado

porque eu não tinha o hábito do rádio”, relata a Sem-terra 9.

Já as representações movimentadas em torno do MST pelos integrantes do Movimento no momento da *leitura* parecem muito distintas daquelas acionadas pelos jornalistas ao falar da organização na *produção* e também daquelas apresentadas nos textos do jornal. O Movimento é visto pelo Sem-terra 2 da seguinte forma: “[...] o MST para mim representa muito porque aqui eu arrumei uma nova vida, uma mudança de vida muito grande”. “O Movimento, além de uma nova chance de viver, também serve para o auto-reconhecimento das pessoas. Eu não tinha nem noção que eu podia voltar a sonhar em ter um futuro diferente, em ter um futuro melhor”, conta a Sem-terra 3. Para a Sem-terra 4, “[...] o MST é uma grande família onde se compreende que a luta é por uma sociedade igualitária e mais justa. Onde tu encontra amigos, tu encontra companheiros”. “Para mim o MST foi como uma luz no fundo do túnel”, diz a Sem-terra 6. “A mídia vende aquela imagem que aqui é o inferno, pelo contrário aqui é o paraíso”, rebate o Sem-terra 7.

Assim, a diferença entre o MST representado de dentro para fora (visto pelos Sem-terra) e o MST representado de fora para dentro (pelos jornalistas e nos textos de suas notícias) parece notável ao menos para os Sem-terra. Nesse sentido, os integrantes do grupo focal acabam por movimentar sentidos de oposição em relação à matriz representacional hegemônica ao promoverem uma leitura negociada de tendência resistente em relação aos textos veiculados por ZH em suas páginas. Dessa forma, apesar de essa matriz de representação hegemônica também ser formatada pelos discursos da mídia e do jornalismo, ela é composta de “fora para dentro” e, de acordo com os dizeres dos Sem-terra, não dá conta da representação adequada do Movimento.

Das considerações finais

No trabalho importou fundamentalmente observar o movimento de representações na *produção*, no *texto*, e na *leitura* – momentos onde, no “Circuito das Notícias”, todos são produtores e consumidores de discursos e onde todos operam com representações. Tais indivíduos elaboram representações para dar sentido à realidade social e os textos, inclusive aqueles produzidos pelo jornal ZH sobre a “questão agrária”, somente vão adquirir sentido mediante uma representação que lhes atribua um determinado significado sociocultural e histórico. Isso empresta a abordagem um caráter bastante discursivo, porém, constatamos nesse estudo que, estrategicamente, é o discurso quem indica o melhor caminho, a melhor forma de percorrer os meandros do “Circuito das Notícias” em suas diferentes fases.

No entanto, parece claro que esse tipo de análise só é possível, como procuramos apontar, quando as práticas socioculturais como o jornalismo, são tomadas e relacionadas conforme um esquema capaz de conjugar as instâncias de *produção*, do *texto*, e da *leitura*. Exatamente porque é o somatório delas, junto com seus diferentes elementos constituintes (produtores, textos e receptores), que determina a circulação dos valores simbólicos regentes

da atividade de significação, configurando e/ou desenhando o processo comunicativo de maneira conveniente e em sua totalidade.

De tal modo, constatamos que trabalhar com as representações no “Circuito das Notícias” exige fôlego e tempo, mas pode apontar para resultados satisfatórios já que permite compreender a dinâmica dos processos jornalísticos, a interferência de agentes internos e externos no seu fazer e o diálogo que se dá entre *produção, textos e leituras*. Acreditamos que neste olhar global reside a principal contribuição dessa perspectiva.

O “Circuito das Notícias”, nessa estratégia, é vivo, multifacetado e rico em possibilidades, porém, inegavelmente, apresenta fragilidades. Como procuramos analisar os distintos momentos do processo comunicativo em integração, temos somados aqui os limitadores encontrados pelos pesquisadores que se dedicam a cada uma delas, mais os obstáculos que se impõem por considerarmos o todo. No entanto, esse novo ponto de vista implica também em reelaborar velhas formulações e elevar os estudos do jornalismo, quem sabe, para um novo patamar, dentro do campo da cultura e do universo de *produção* simbólica, sem nunca esquecer daquilo que realmente lhe dá vida – os seus processos.

Referências

- BENETTI, Márcia (2007). *Análise do discurso em jornalismo: estudos das vozes e sentidos*. In: LAGO, Cláudia & BENETTI, Márcia (Orgs.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozespp. 107-122.
- BERGER, Christa (2003). *Campos em confronto: a terra e o texto*. 2ª edição. Porto Alegre: Ed. UFRGS.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (2001). *Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. (2007). *Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: Um protocolo analítico de integração da produção e da recepção*. Revista Comunicação, Mídia e Consumo / Escola Superior de Propaganda e Marketing. V.4, n.11. São Paulo: ESPM.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor (1995). *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- HALL, Stuart (1997). *The work of representation*. In: HALL, Stuart (org.) Representation – Cultural representation and cultural signifying practices. Sage/ Open University: London/ Thousand Oaks/ New Delhi.
- _____. (2003). *Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco.
- HOHLFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera; MARTINO, Luiz (2001). *Teorias da comunicação*. Petrópolis: Vozes.
- JACKS, Nilda; MACHADO, Márcia B. e MÜLLER, Karla (2004). *Hermanos pero no mucho: el periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil y Argentina*. Buenos Aires: La Crujía.
- JOHNSON, Richard (1999). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli (1988). *Discurso e leitura*. Campinas: Unicamp.

_____. (2001). *Análise de discurso*. Campinas: Pontes.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa (2002). *O litígio discursivo materializado no MST: a ferida aberta na nação*. Tese. Ribeirão Preto: USP.

SCHMEIL, Lílian (1994). *Alquilate uma ilha: turistas argentinos em Florianópolis*. Dissertação: UFSC.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia (2007). *Análise Global de Periódicos Jornalísticos (AGPJ): uma proposta metodológica para o estudo do jornalismo impresso*. 2007. Tese. Porto Alegre: PUCRS.

THOMPSON, John B. (2005). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.

WOLF, Mauro (2001). *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença.

ZH, (de 12 abr. 2008 a 21 mai. 2008) Porto Alegre (RS).

MÁRCIA FRANZ AMARAL é doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, docente do Mestrado em Comunicação Midiática, da Graduação em Jornalismo e tutora do Programa de Educação Tutorial do Curso de Comunicação Social na Universidade Federal de Santa Maria.

marciafranz.amaral@gmail.com

VILSO JUNIOR CHIERENTIN SANTI é jornalista, mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria, doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e coordenador de produção da Revista Famecos: Mídia Cultura e Tecnologia.

vjrsanti@yahoo.com.br

*Artigo recebido em junho
e aprovado em outubro de 2009.*